

A escultura contemporânea: um veículo na educação artística infantil

Mónica Oliveira

A arte é uma linguagem específica, composta por signos, sinais, normas e acompanha a humanidade ao longo dos tempos (desde a pré-história até aos nossos dias), espelhando diferentes sociedades, diferentes interesses e diferentes saberes. A arte actual mostra-nos um panorama artístico afectado pelo conhecimento que temos do mundo, pelas relações comportamentais que se dão entre os indivíduos, pelas preocupações sociais, políticas e económicas. É uma actividade que propõe uma relação directa e imediata com a realidade presentificada. Ela pretende unificar os conceitos e as intenções artísticas aos materiais e aos modos de produção actuais, materializando ideias e mensagens de um tempo actual. Desta forma, a arte de hoje apresenta-se saturada de conceitos e impregnada de uma realidade empírica onde a complexidade e as variantes formais são múltiplas e para se gostar dela é fundamental entendê-la. Sendo uma forma de comunicação, a arte actual é portadora de um sentido, daí que a sua apreciação seja uma forma de compreensão, e por isso, quanto mais se compreender a arte, mais se aumenta a capacidade de compreender o mundo.

A arte, enquanto linguagem universal, desempenha um papel importante em todo o tipo de ensino. No entanto, assistimos até há poucos anos atrás, a um desinteresse relativamente às disciplinas artísticas. Estas assumiam um papel secundário na educação pré-escolar, eu diria

quase inexistente. Privilegiava-se então a "educação da inteligência", conferindo total importância à matemática e ao português.

Hoje, e graças à integração da expressão plástica nos currículos do ensino pré-escolar (através de linhas orientadoras), a educação estética e artística vem demonstrar a importância que esta desempenha no desenvolvimento global da criança, nomeadamente no desenvolvimento das suas capacidades expressivas, afectivas, lúdicas e cognitivas, contribuindo de forma decisiva para a formação pessoal e social do indivíduo (ideais há muito defendidos por Herbert Read através da sua obra *Educação pela Arte*). Assim, a tradicional "educação da inteligência" partilha hoje o lugar com a inovadora "educação estética" de uma forma equitativa. A educação actual rejeita os pressupostos e objectivos tradicionais que eram tidos em conta na educação da inteligência. Já não se pretende, somente, que a criança seja um ser inteligente, racional, sem problemas ao nível do raciocínio lógico, mas, muito para além disso, pretende-se um desenvolvimento progressivo, harmonioso do indivíduo na sua globalidade. Neste ser global é necessário considerar um desenvolvimento físico, psíquico, afectivo e social, que pressupõe o desenvolvimento de novas aptidões como a capacidade de adaptação ao meio e de relação com os outros. Assim, o desenvolvimento integral da criança passa pelo estímulo à sensibilidade, à imaginação e à

criatividade que a arte proporciona, contribuindo para uma melhor integração sociocultural.

Claro que esta questão de integração das artes no currículo do ensino pré-escolar é muito positiva, mas não chega. Dado que esta área não era considerada fundamental até há algum tempo atrás, os professores não estão preparados para a ensinar. A realidade do ensino pré-escolar, na actualidade, mostra a impotência que os educadores sentem no que diz respeito à expressão plástica, não sabendo o que devem ensinar, como devem ensinar, quando devem ensinar, que estratégias tomar, como avaliar. Ainda que a expressão plástica seja reconhecida, actualmente, como uma área importante no desenvolvimento da criança, esta continua a sofrer um desajuste educacional, especialmente porque a arte é entendida como "um mundo à parte", um conjunto de obras criadas por génios artistas, expostas em museus e veneradas pelos seus visitantes, em vez de ser entendida como uma actividade relacionada com o sentido estético que deve estar presente em todos os domínios da vida quotidiana, tornando-se necessário um entendimento dos seus códigos, contextos e estruturas.

A urgência em proporcionar aos educadores formação e informação de modo a compreender as obras de arte e a desenvolver métodos de ensino que lhes permitam fazer melhor uso delas, passa por diferentes estádios. Entre eles, o de tentarem compreender o que se passa actualmente no campo da arte reconhecendo: as suas formas mais recentes (arte multimédia, *performance*, instalação, etc.); os pressupostos e as considerações temáticas que estão na base da sua interpretação; a relação entre a arte e a tecnologia (percebendo quais os

procedimentos técnicos e materiais utilizados) e a apresentação formal da maioria das produções artísticas (que pressupõe uma interdisciplinaridade entre os diferentes tipos de arte).

Assim, este artigo pretende ir de encontro às necessidades que os educadores têm no que diz respeito à falta de informação no campo das propostas artísticas actuais, mais concretamente na área da escultura contemporânea. Reflectir um pouco sobre as suas temáticas e intenções formais, bem como sobre alguns dos aspectos mais relevantes da sua forma de apresentação e dos procedimentos técnicos e materiais inerentes à sua elaboração, a fim de que a possam entender melhor e participar dela (visitando exposições) e, sobretudo, para que consigam inculcar nas crianças o gosto pela escultura e pela arte contemporânea.

O texto que se segue foi retirado da tese de doutoramento intitulada *A Escultura como reflexo do Comportamento Sexual da Sociedade Contemporânea*, por mim defendida em Julho de 2000, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Salamanca, e reconstruído de forma a facilitar um melhor entendimento desta temática.

Introdução

Atendendo ao significado tradicional, a escultura é uma actividade que se serve de acção física e predominantemente manual para concretizar uma forma tridimensional no material através da técnica.

Constituída por materiais, superfícies, volumes ou cores organizados intencionalmente, de escala e interacção com o espaço que a rodeia, ela suscita sensações corporais, associações visuais e pensamentos em quem a observa.

materiais
ão formal
artísticas
u m a
entre os

de ir de
s que os
z respeito
o campo
actuais,
área da
Reflectir
emáticas
m como
tos mais
rma de
dimentos
tes à sua
possam
par dela
obretudo,
utir nas
cultura e
orânea.

tirado da
itulada A
exo do
ual da
nea, por
de 2000,
Artes da
ianca, e
cilitar um
desta

ificado
é uma
le acção
e manual
forma
através

ateriais,
u cores
ente, de
o espaço
nsações
isuais e
observa.

Grande parte da escultura deste século apresentou-se na sua ausência como um problema mais ou menos complexo, de organização de formas a resolver perceptivelmente. Acostumámo-nos a desvendar os argumentos lógicos, estéticos, narrativos ou analógicos subjacentes no compêndio de materiais ou volumes presentes na escultura. Hoje, a escultura contém um mínimo de redundância evidente e apresenta-se como parte de um mundo com o qual nos familiarizamos por meio de uma observação activa.

Perfeitamente implicada no mundo físico e real, ela pretende constituir-se, por meio da surpresa, numa trama de espaço e de tempo e desvincular o espectador da sua categoria de observador passivo. Numa civilização cujo desenvolvimento se sustenta, tanto a nível individual como colectivo, sobre conceitos afastados da dependência da matéria, próximos à materialidade do homem e do seu ambiente, e inscritos na ordem do simbólico, a escultura mostra uma reflexão sobre o imediato, dado que toda a nossa forma de conhecimento vem determinada, a nosso pensar, pela escala na qual nos desenvolvemos.

Assim, o objecto físico da escultura dilui-se, os seus limites tornam-se imprecisos, incomensuráveis, sujeitos a circunstâncias de transitoriedade.

Desta forma a escultura surge, actualmente, mais vulnerável do que noutros tempos. Sem discurso legitimador dos propósitos e orientações artísticas que deve seguir, torna-se numa linguagem própria e individual de cada artista, mostrando, na sua globalidade, uma variedade heterogénea de tendências formais e conceptuais, mais imaginativas, capazes de criar algo novo e mais sugestivo.

O que é fundamental realçar é que o relacionamento da arte com o real criou uma cumplicidade tal entre estes dois sujeitos, que hoje a arte deixa de ser uma representação mimética da realidade para estar nela implicada. As obras de arte actuais mostram uma presentificação de temáticas e técnicas provenientes da sociedade contemporânea. Esta presentificação resultante da escultura contemporânea evidencia um multiculturalismo, característico de diferentes países, diferentes artistas e diferentes formas de enquadrar a realidade. Assim, as considerações conceptuais que dão alma à escultura têm por base a apreciação da vida quotidiana, tanto privada como colectiva. Os artistas recorrem ao corpo e à sexualidade como fonte de inspiração escultórica. Reflectem o comportamento sexual humano como fenómeno sociocultural e psicológico dentro das coordenadas do nosso tempo. Portanto, analisar a escultura dos anos oitenta e noventa é analisar a importância do corpo na sociedade, é caracterizar os géneros sexuais dominantes entre nós.

39

De certa maneira a sexualidade, como factor de comportamento, potenciou-se em comparação com as épocas anteriores e o conceito que se tem dela situa-se num plano de conhecimento maior cuja diversidade é notória graças ao seu direito de existência e manifestação, devido à divulgação das suas características.

Aquelas modalidades sexuais que eram tidas como "perversas" ou que, noutros tempos, eram objecto de psicopatologia, hoje são vistas pela sociedade actual de maneira diferente, inclusive toleráveis, por certa alteração dos ideais éticos e estéticos da cultura pós-modernista. Assim os comportamentos sexuais encontram o suficiente valor objectual dentro das tendências

culturais do nosso tempo especialmente a homossexualidade.

São muitos os artistas actuais que mostram um conjunto de esforços culturais para evidenciar esta emancipação dentro do âmbito da escultura que permita a livre interpretação de qualquer modalidade vital, considerando que tal fonte de motivação é por sua vez uma linguagem inter-humana. A escultura é vista como estrutura múltipla e complexa da sexualidade humana.

Não há dúvida de que a escultura de hoje, com base nas características mencionadas, se situa no vínculo da convergência entre a orientação artística e a orientação sexual como fenómeno sociocultural.

Assim, resulta altamente significativa e clarificadora a correlação das novas tendências dos últimos anos que assinalam as estéticas da "existência" dentro do panorama artístico.

A identidade própria da sexualidade é realizável pela mão do artista. Assim, ela manifesta-se não só mediante o método plástico, mas como modo conceptual (matéria-linguagem) no âmbito artístico. A projecção estética das variantes da sexualidade humana corresponde ideologicamente à sociedade em que está inserida. A "humanização", um retorno personalizado na arte actual, corresponde ao retorno de temas universais: a sexualidade, o corpo, a procriação, a doença, etc.

Hoje a sexualidade e a arte tentam ser vividas no âmbito de uma psicologia mais complexa e pessoal, que se entende como a manifestação dos desejos individuais libertos de uma imposição moral e social.

Apologia do corpo na escultura contemporânea

O corpo é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo, sendo objecto de estudos cada vez mais frequentes no domínio das ciências humanas, sociais e no campo artístico. Ao mesmo tempo, a nível do quotidiano, esta verdadeira "explosão corporal" tem vindo a manifestar-se na exuberância e imaginação das múltiplas técnicas utilizadas nos adornos e no vestuário, no teatro, na dança e nas artes plásticas, nos jogos e nos desportos, enfim, nos mais pequenos pormenores da vida humana. A importância dada ao corpo, no nosso tempo, contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado, fenómeno verificado na sequência de uma assinalável inversão de valores, traduzida na passagem das ideias de acumulação e poupança a preocupações de consumo e dispêndio de energias. Os novos valores de beleza, felicidade ou juventude identificam-se com um corpo que se transforma em objecto de cuidados e desassossegos. O projecto de libertação do corpo está presente em cada momento, exprimindo-se numa dinâmica e atingindo a imensa teia de relações sociais.

A priori é inútil justificar uma reflexão sobre o corpo: a vida impõe-nos o corpo quotidianamente, já que é através dele e por ele que sentimos, desejamos, trabalhamos e criamos, ele oferece-se nas suas formas concretas e singulares de um corpo móvel, atraente ou repugnante, inofensivo ou ameaçador.

Neste sentido, viver é para cada um de nós assumir a condição carnal de um organismo cujas estruturas, funções e faculdades nos dão acesso ao mundo, abrindo-nos a presença corporal dos demais.

Mas
diz
cont
ao se
respi
suas
sens
sens
a no
de u
o so
o coi
nos
cor
mult
pos
e co
praz
terr
sua
frag
de V
cor
Vali
sim
Por
nun
cor
me
asp
pro
poc
des
asp
ter
do
ma
o c
étic
val
del
col

Ac
ma
inc
Ele
es
me
o
po
vis
nu
co
o

Escultura

nas mais
mundo
objecto de
requentes
humanas,
ístico. Ao
nível do
rdadeira
vindo a
rância e
técnicas
os e no
nça e nas
os e nos
os mais
da vida
dada ao
ontrapõe-
e estava
enómeno
de uma
valores,
as ideias
pança a
sumo e
os novos
dade ou
com um
n objecto
legos. O
orpo está
mento,
âmica e
relações

reflexão
be-nos o
á que é
entimos,
criamos,
formas
m corpo
gnante,

ada um
o carnal
ruturas,
os dão
o-nos a
lemais.

Mas esta experiência corporal não diz só respeito ao seu conhecimento, ao seu domínio ou ao seu potencial, mas também diz respeito ao reconhecimento das suas capacidades afectivas e sensoriais, nomeadamente a sua sensibilidade e a sua debilidade: se a nossa pele reconhece o prazer de uma carícia, também reconhece o sofrimento da doença. Por isso, o corpo surge como temática central nos nossos dias. Falar sobre o corpo é falar sobre uma multiplicidade de aspectos que ele possui desde a sua imagem física e concreta passando pelo desejo e prazer associados à sexualidade e terminando no aspecto trágico da sua temporalidade, da sua fragilidade. Utilizando as palavras de Valéry, dir-se-ia que se o nosso corpo é "o órgão do possível" (Paul Valéry, s.d.: 919) é também simultaneamente o do inevitável. Por isso, o discurso sobre o corpo nunca pode ser neutro. Falar do corpo obriga a aclarar mais ou menos um ou outro dos seus aspectos: o aspecto às vezes prometeico e dinâmico do seu poder demiúrgico e do seu ávido desejo de gozo e esse outro aspecto trágico e lastimoso da sua temporalidade, da sua fragilidade, do seu território e precariedade. De maneira que toda a reflexão sobre o corpo é, quer se queira ou não, ética e metafísica: proclama um valor, indica uma certa conduta e determina a realidade da nossa condição humana.

Actualmente, o corpo intensifica mais do que uma identidade individual, uma identidade colectiva. Ele transforma-se na escultura - num espelho do sujeito social. As suas metamorfoses são múltiplas, ele é o testemunho da vivência de um povo, surgido como elemento visceral ou orgânico e contemplado numa materialização diversa, comprometido entre o figurativo ou o abstracto.

Hoje, sendo o corpo um dos problemas centrais para reivindicar questões sociais em torno da difícil conciliação entre éticas individuais e colectivas, ele estimula obras escultóricas onde é um espelho que só reflecte a pergunta de quem se olha nele.

A conformação do objecto escultórico

A conformação escultórica actual faz com que o seu interesse resida tanto na intenção temática, referente ao corpo e ao comportamento sexual, como no tratamento singular dos materiais e na sua particular combinação, disposição ou distribuição espacial. Uma característica que, se bem associa as obras entre si, paradoxalmente as torna únicas em qualquer das suas dimensões sensíveis.

Também a forma é um elemento de vital importância para a concretização da obra. Ela fica descrita como a tradução material e palpável de um sentimento vital do artista como determinação exterior de um conteúdo interno. Ela é um elemento plástico que nos mostra a natureza das coisas através do seu aspecto externo. As obras escultóricas contemporâneas apresentam-se de uma forma mais simples desde o ponto de vista da sua fisionomia. Faz-se menos esforço na sua contemplação por estas apresentarem uma lógica formativa e umas qualidades menos singulares, mais habituais no mundo dos objectos pertencentes à nossa cultura urbana ocidental. Denota-se também um desinteresse pela arbitrariedade na definição física do objecto a realizar, pela distinção qualitativa a respeito de outros objectos sociais e pela exclusiva invenção no plano formal e material. Um desinteresse, em suma, pela subjectividade e uma prioridade de comunicar com o mais amplo espectro social. Desejo de transcender o elitismo da arte e a

marginalidade do artista.

A escultura é principalmente matéria animada na qual se desenvolvem e concretizam as diferentes formas. Os elementos que a compõem, tais como a matéria com as suas peculiaridades, as estruturas e colorido, as formas, as superfícies, os seus contornos e o espaço onde se desenvolvem, intervêm na criação e composição da obra. Articulando-se, existe entre eles uma relação contínua necessária para a harmonia de conjunto. A transposição destes elementos deve equilibrar-se, sustentar-se e relacionar-se para assim poder expressar e desenvolver uma leitura global da intenção do artista. Assim, a obra escultórica torna-se num organismo em que a matéria e a forma se associam para compor um sistema artístico completo.

No momento actual, a matéria não fica reduzida a uns valores formais ou imitativos, ela é também considerada como elemento essencial rico em possibilidades e sugestões pelo que desempenha um papel decisivo no processo criativo e de investigação próprio da escultura actual.

A escultura mais representativa de hoje mostra palpavelmente e sem limitações o material em que está elaborada, o processo seguido na sua elaboração, a estrutura que a sustém e o espaço que contém e do qual forma parte. A matéria, a forma e o espaço são pois elementos fundamentais na concretização da obra e o seu reconhecimento permite um melhor entendimento e interpretação dos modelos actuais.

É também fundamental reflectir sobre a importância do mundo de hoje na escultura; a indústria, a ciência, a informática, entre outros, estão presentes de forma temática e/ou formal na criação do artista. Ele não pode criar sem olhar o que está à sua volta e sem se ver

afectado por essa realidade. Assim, e relativamente à concretização formal da obra, ele busca no mundo real as possibilidades de expressão que lhe oferecem os novos materiais, as novas técnicas, os novos meios.

É um facto positivo que os escultores actuais tenham sabido valer-se de talento e facilidade criativa dos materiais novos, mais diversos e até tenham conseguido em alguns casos com técnicas ainda pouco experimentadas convertê-los em materiais artísticos. Acusaram com facilidade novas possibilidades de conformação e desenvolveram interessantes ensaios estéticos que souberam comunicar com grande vitalidade como o tinham feito os seus antecessores da escultura tradicional.

A renovação de critérios hoje experimentados na escultura, vê-se acompanhada da renovação dos materiais, da utilização inédita dos métodos antigos e do uso de uma nova e extensa variedade dos mesmos. Tal abre um universo complexo que ainda hoje está por descobrir. Não só é ampla a classe dos materiais, como as formas de tratamento e a transformação que podem admitir. Os processos industriais têm um papel importante já que a sua tecnologia permite dar resposta aos diferentes propósitos artísticos actuais.

Não obstante, é necessário esclarecer que a escultura actual não está condicionada exclusivamente ao emprego de novos materiais e novos meios técnicos. É evidente que a obra criativa continua a desenvolver-se também através de materiais do passado, mas estou convencida de que existem materiais que, depois das últimas experiências realizadas, serão observados, considerados e tratados de maneira diferente e penetrados por uma sensibilidade mais ampla e refinada.

reconhecimento de uma obra, estão hoje anulados, já que o panorama mostra uma complexidade formal e uma "contaminação" de diferentes modos de actuação. O que antes pertencia exclusivamente a um campo plástico, hoje pode evidenciar-se em diferentes campos de actuação completamente distintos, ou seja, o que antes estava potencializado para a pintura surge de uma forma explícita na escultura ou noutra vertente artística. Assim, situações como esta obrigam a uma redefinição dos termos de conceptualização, reconhecimento e designação da escultura actual. Estas alterações que vieram dificultar o processo de descodificação e operacionalização dos diferentes modelos artísticos, procedem da renovação dos valores estéticos da actualidade.

Dada a multiplicidade de propósitos artísticos e a sua capacidade de transgressão, a escultura surge como um percurso de reconhecimento e concretização formal, por diferentes territórios de criação com os quais mantém uma fronteira reconhecível, onde se descobre um território conceptual de actuação.

Nos anos oitenta e noventa, a função criativa da escultura estrutura-se numa linguagem actual, com base no afastamento de códigos estéticos anteriores; o carácter que a escultura possuía, a sua "brutal objectividade", como dizia Baudelaire, é hoje confrontada com a revelação de novas possibilidades como diz Hofmann.

Os seus temas estão enraizados, como já foi dito anteriormente, por uma reflexão profunda sobre as temáticas sociais e os problemas com a humanidade; a sexualidade, o corpo, as minorias sexuais, a sida, tendo por base a elaboração de um novo código visual, bastante implicado numa realidade vivencial presentificada. Desta forma, o

espaço escultórico é por definição, e como dizia Martin, um espaço de representação a três dimensões. Claro que esta consideração relativa à tridimensionalidade não chega para se definir a escultura, já que existem outros campos artísticos que se auxiliam dela. Aliás, qualquer prática artística contém tridimensionalidade, se pensarmos que a matéria da qual elas se utilizam é na sua essência um objecto tridimensional.

Ainda outra definição diz respeito à escultura como acto dramático no espaço que faz orientar fisicamente as formas, como dizia Laiglésia. Claro que como a anterior, esta definição poderia também abranger outras manifestações artísticas como a dança ou o teatro.

Este problema na definição da escultura resulta do facto de cada vez mais se ir abrindo e ampliando o campo escultórico, de tal forma que em vez de se centralizarem considerações, abrem-se direcções que nos levam a uma grande indefinição.

As características próprias da escultura actual apresentam-se num panorama altamente indiferenciado e indiferenciável. A utilização natural do conceito de espaço e materiais alargou-se pela utilização do objecto com os seus múltiplos recursos artísticos. A escultura encontra-se num processo de emancipação dos seus tradicionais materiais, métodos e intenções. O espaço e o tempo associados constituem as coordenadas básicas e fundamentais da obra escultórica que avança do estético para o campo pessoal como exteriorização de um conceito global de arte e vida. A escultura tem hoje a função de facilitar uma nova percepção do espaço e do tempo, elementos que se consideram como tangíveis e reais, como dizia Lebrero.

Assim, e atendendo à falta de

unifor
a es
somi
carac
e a c
artisti
forma
actua
um
conc
num
ocup
que
com
o tea

A rei

A rei
actua
anta
à su
conj
ous
cara
exigi
traze
tant
com
esqu
tipif
tem
par
co
com
que
actu
veic
que
con
e oc
que
ond
que
pod
be
"pr
púb
refl
ima
por
exi
que
que
no
agi

uniformização estética para definir a escultura actual, podemos somente apontar algumas características que lhe são próprias e a distinguem das outras áreas artísticas. A escultura actual como forma de criação artística é a que actua sobre um material, segundo uma determinada técnica, e concretiza uma intenção temática num espaço e num tempo, ocupando um território conceptual que é delimitado por outras áreas como a pintura, a dança, o vídeo, o teatro, o *design*.

A receptividade da escultura

A receptividade da escultura na actualidade possui duas vertentes antagónicas: a primeira diz respeito à sua aceitação, ela mostra um conjunto de soluções inovadoras, ousadas (ainda que esta característica nem sempre seja exigível para a sua aceitação), que trazem consigo algo de relevante tanto em termos de conteúdo, como em termos formais, esquecendo para trás os modelos tipificados, desgastados pelo tempo; ela evoca de uma forma particular as preocupações conceptuais como o comportamento sexual e o corpo que ilustram um tempo muito actual. Hoje, sendo o corpo um dos veículos centrais para reivindicar questões sociais em torno da difícil conciliação entre éticas individuais e colectivas, ele estimula a escultura que funciona como um espelho onde se reflecte a presença de quem nele se olha. Claro que isto pode produzir tanto uma "rebeldia" bem aceite como uma "provocação" mal aceite pelo público, já que a escultura ao reflectir estes problemas, produz imagens que não são agradáveis, porque ela reproduz uma realidade existente e porque ela é a imagem que reflectimos de nós próprios que também, muitas vezes, não nos agrada. E muito menos nos agrada que a escultura evidencie

a nossa intimidade, os nossos desejos, os nossos medos. Ela está implicada na nossa vida privada, daí que possa despertar críticas, desagradados e repulsas.

A escultura como área artística cuja abrangência do termo se abre aos projectos de âmbito tridimensional, abriu também o seu campo de acção à experimentação, flexibilizou a inserção categorial de objectos, actuações e signos diversos, hoje aceites como esculturas. Desenvolveu-se num conceito que passou a englobar mesmo outras áreas como a fotografia, a *performance*, o corpo, ou seja, assume uma intenção e formalização diversas.

Esta grande diversidade de tendências e linguagens escultóricas mostra que o gosto deixa de estar limitado a cânones preestabelecidos. Assim, a validade do gosto já não se vê como uma universalidade singular constitutiva como afirmava Kant. Os gostos, e não mais o gosto, caracterizam-se pela permanência periodizada de uma linguagem e pelas respectivas estruturas artísticas, que têm por base uma ideologia própria e individual do artista e se concentram tanto na intenção como na formalização da obra.

Relativamente à formalização, podemos constatar ao analisar diferentes obras que a utilização do objecto quotidiano permite ao público uma imediatez na leitura da imagem, possibilitando o reconhecimento directo do mesmo nas articulações com outros elementos, pressupondo uma postura activa da parte de quem observa, relação complexa e difícil que muitas vezes culmina numa incomodidade e falta de "conforto" relativamente ao que se observa. Esta interacção com o público permite ao observador participar da obra, estimulando as suas características intelectuais e

sensoriais, sendo o resultado final a cumplicidade total, um envolvimento global. E é a partir deste pressuposto que o público está apto a pronunciar-se sobre aceitação ou não da obra.

Comentário final

A escultura actual fala-nos, essencialmente, de uma experiência quotidiana dos objectos, podendo assim o espectador reconhecer de forma directa o ambiente ou a cena descrita. O espaço, onde as obras se inserem, deixou de ser um espaço passivo, baseado numa filosofia perceptiva e passa a ser expansivo e activo. Ele deixa de lado a relação figura-fundo ou a sua componente mimética para se transformar num espaço multidireccional, composto pelas diferentes sensibilidades, afectado pela sociedade e por um tempo actual pleno de incidentes e ruídos. Sinónimo de um mundo real e de espaço privado, pessoal, emocional e psicológico é um espaço habitado que parte da espacialidade do ser humano, surgindo como testemunho de uma nova época, de um novo lugar, de uma nova forma de reflexão.

A escultura, enquanto meio de comunicação e expressão estética, continuará a actualizar as suas temáticas sobre a condição humana continuando a caminhar num sentido em que o discurso plástico é relativo a cada artista e onde a liberdade do discurso e procedimentos formais e técnicos tem a ver com a realidade vivida e a evolução tecnológica, permitindo sempre uma melhor adequação a um tempo actual.

Desta forma, o entendimento desta área (por parte dos educadores e das crianças), dada a sua proximidade à realidade vivida, facilita uma compreensão não só de pressupostos estéticos actuais, mas também de uma melhor

compreensão do mundo em que vivemos. Sensibilizar as crianças para a prática artística actual torna-se fundamental já que esta possui características consideradas úteis para a formação e informação dos indivíduos e contribui para o seu crescimento artístico e cultural, podendo despertar neles a expressividade, a comunicabilidade e o interesse pelas grandes criações artísticas. Cabe aos educadores, enquanto agentes de formação, procurarem estar informados sobre as diferentes práticas artísticas actuais e promoverem actividades e medidas educativas que se centrem no desenvolvimento de programas e estratégias diversificadas na área da expressão plástica, promovendo um trabalho estimulante e enriquecedor para a criança.

Referências bibliográficas

- ARNHEIM, R., (1986), *El pensamiento visual*, Barcelona: Paidós.
- DUBY, G., (1998), *Amor e sexualidade no Ocidente*, Lisboa: Terramar.
- GUASCH, A. M., (1997), *El Arte del siglo XX en sus exposiciones. 1945-1995*, Barcelona: Serbal.
- LUCIE-SMITH, E., (1995), *La sexualité dans l'art occidental*, London: Thames and Hudson.
- MARCHAN-FIZ, S., (1982), *La estética en la cultura moderna*, Barcelona: Gustavo Gili.
- SCHILDER, P., (1994), *Imagen y apariencia del cuerpo humano*, México: Paidós.
- VALÉRY, P., (s.d.), *Discours aux chirurgiens, oeuvres complètes*, "La Pléiade", vol.I. Paris: Gallimard.
- WEEKS, J., (1987), *Questions of Identity*, Londres: Routledge.